

# Nas manifestações de rua e nos fluxos da Rede, a vitória do poder da Notícia

Texto de CARLOS CHAPARRO

(20 de Junho de 2013)

A batalha pela derrubada dos aumentos no preço dos transportes públicos foi ganha pelas multidões jovens conquistadoras das ruas. Mas, com essa vitória por **arrasador checkmate**, a perplexidade, em vez de diminuir, aumentou.

Entretanto, persiste a pergunta ainda sem respostas:

*- Que força nova é essa, que dobra os governantes mais poderosos à vontade de um movimento sem líderes, sem história, sem discurso articulado, sem identidade definida?*

Ante a grandiosidade e os enigmas das manifestações de rua que em duas semanas mudaram a fisionomia do Brasil, a perplexidade foi largamente manifestada em textos e falas, por articulistas e cientistas de vários naipes ideológicos. E também pelos poucos políticos que se atreveram a comentar o tsunami humano que tanto os assustou.

Exemplo: o embaixador Gilberto Carvalho, ministro da Secretaria Geral da Presidência, falando a jornalistas, confessou-se incapaz de atribuir significados às manifestações de rua que em uma semana alteraram a relação de forças, nos jogos de poder da cena sociopolítica brasileira. Mais pelo espanto facial do que pela fala, o ministro sintetizou o problema em seis palavras: **“De fato, está difícil de entender”**.

A presidente Dilma conseguiu ir além do seu fiel escudeiro. Numa das frases ditas, ela pôs uma pitada de lucidez na refle-

xão sobre os inusitados fatos. E abriu uma janela para análises mais profundas, ao dizer:

**“Essas vozes (...) ultrapassam os mecanismos tradicionais, os partidos políticos e a própria mídia (...).”**

De tudo o que já se escreveu e disse por aí, na tentativa de entender e/ou explicar o significado das manifestações, a melhor síntese está no segundo parágrafo do bom texto assinado pelo escritor Antonio Prata, ontem (19 de junho), na *Folha de S. Paulo*:

**“Sejamos francos, companheiros: ninguém tá entendendo nada. Nem a imprensa nem os políticos nem os manifestantes, muito menos este que vos escreve e vem, humilde ou pretensiosamente, expor sua perplexidade e ignorância.”**

Também o experiente Clóvis Rossi se confessou atordoado, na abertura de um dos seus textos recentes (provavelmente o mais reproduzido) sobre as manifestações:

***“Aviso ao leitor: esta é apenas uma primeira aproximação ao que está acontecendo no Brasil. Sou obrigado a concordar com Ângela Randolpho Paiva, do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, que admitiu honestamente à Globo News: ‘Estamos atordoados’.”***

## **DOIS MODOS DE OLHAR OS FATOS**

Os esforços para entender as surpreendentes manifestações podem ser feitos por duas estratégias de observação.

Uma, olhando as manifestações pelas circunstâncias e formas da sua materialidade. Portanto, como fatos localizados e delimitados no espaço físico urbano – e como tal, fatos de difícil compreensão, dado o gigantismo de multidões que parecem

ter brotado do nada. E que ganham as ruas como movimento sem líderes nem história, sem palanques nem oradores. E sem rosto ideológico identificável.

Quem olha as manifestações por essa lupa redutora fica tolhido pela perplexidade. E nem percebe que o enigma principal tem como núcleo vital a imaterialidade das redes sociais, ferramenta de mobilização que o relato jornalístico tratou apenas como detalhe curioso.

Por esta outra lupa, é possível começar a entender as manifestações como ocorrências de um mundo novo, no qual o poder transformador dos fatos não se dá nem se exerce nos lugares materiais onde ocorrem, mas no espaço imaterial dos fluxos em Rede. Esse é o espaço por onde circulam os discursos que dão alma aos fatos e que circulam em forma de Notícia, ganhando alcance universal instantâneo, com incontrolláveis efeitos imediatos.

Foi esse poder, o poder da Notícia em tempo real, na difusão universal instantânea, que levou os governantes dos Estados e Municípios mais ricos do País a se curvarem, vencidos, à principal reivindicação dos manifestantes.

## **LUZES DE DARCY RIBEIRO**

Sem ler e entender Darcy Ribeiro não será possível captar e decifrar o significado político das grandes manifestações de rua.

No seu estudo mais importante (*O Processo Civilizatório - Companhia das Letras - 1968*), Darcy explica o quê e o porquê:

*“Os avanços civilizatórios não se dão por luta de classes, mas por meio de Revoluções Tecnológicas.”*

**Para criar e sustentar a assertiva, o autor estudou o caminhar histórico da humanidade. E nos ensina que...**

**...“Ao desencadeamento de cada revolução tecnológica, ou à propagação de seus efeitos sobre contextos socioculturais distintos, através de processos civilizatórios, tende a corresponder a emergência de novas formações socioculturais.”**

**Se assim é – e é! – podemos colocar as manifestações convocadas (mas não controladas) pelo Movimento do Passe Livre no contexto das transformações socioculturais produzidas pela revolução das tecnologias de informação e difusão.**

## **GESTAÇÃO DE UM NOVO** **MODELO POLÍTICO**

**As gigantescas manifestações que agora deram ao Brasil nova fisionomia sociocultural não são propriamente uma novidade. Elas surgem na esteira de um fenômeno mundial de levantas populares que surgem e crescem à margem de partidos políticos e sindicatos, reivindicando mudanças nos costumes políticos e nas estruturas de governação.**

**São experiências e valores culturais de democracia participativa.**

**Graças à revolução das tecnologias de informação e difusão, os sujeitos sociais institucionalizaram-se e se tornaram falantes. Poderosamente falantes. Apoderaram-se até da Notícia. E a usam como âmago e estratégia dos acontecimentos que produzem, controlando-os ou não.**

**Pela Notícia, e com a Notícia, os ideais e as práticas de democracia participativa avançam sobre o modelo de democracia representativa, deformada pelas variadas formas de corrupção – do peculato ao clientelismo; das alianças fisiológicas ao**

nepotismo; das mordomias legais e ilegais à sem-vergonhice do empreguismo partidário; das licitações com cartas marcadas aos gastos imorais com luxos, prazeres e ostentação, em palácios, banquetes e viagens oficiais; das fraudes orçamentárias aos gastos milionários com a enganação da propaganda institucional; do desperdício obrado pela incompetência desonesta ao uso eleitoral do dinheiro público – etc., etc., etc..

E porque muito se rouba e mal se governa, falta dinheiro para a educação, a saúde, os transportes, a cultura, o lazer, a pesquisa científica, a segurança, a proteção ambiental...

\*\*\*

Sem a capacidade mobilizadora das redes sociais e sem a expansão universal do acontecimento pela NOTÍCIA EM TEMPO REAL, isto é, sem a REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA que desorganizou e já reorganiza as relações e as estruturas sociais, as manifestações não teriam alcançado a grandeza mostrada ao mundo. Nem conquistariam o poder discursivo que as tornou vitoriosas, contra governos e governantes poderosos.

O que virá depois, e em que ritmo, não sabemos. Mas mudanças terão que surgir, para a definição e a construção de um novo modelo político, capaz de agregar e combinar o poder da representação delegado pelo voto e o poder participativo da sociedade institucionalmente organizada em torno de valores, direitos e deveres.

Embora com tropeços como esses da burrice violenta dos vândalos, o resultado será inevitavelmente bom.

Que venha o futuro!